

SÓ HÁ CAUSA DAQUILO QUE FALHA

Nina Virginia de Araújo LEITE
Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP
Escola de Psicanálise de Campinas

“Em filosofia, como em política, sem crítica não há retificação” (L. Althusser, *A filosofia como arma da revolução*)

O gesto de comentar hoje o texto de Pêcheux, impõe o desafio de abrir novas questões em terreno paradoxalmente tão explorado e ainda tão questionado; refiro-me às articulações entre ideologia e inconsciente.

Defino um ponto de partida: face à afirmação de que há o real da língua, há o real da história e há o real do inconsciente constatamos a impossibilidade de construção de uma posição teórica única que organize as respostas que o real de cada campo convoca. Afirmar essa posição/ esse ponto de partida é sustentar o fracasso da tríplice Aliança na vertente destacada por M. Pêcheux no texto em questão. Daí ter sido necessária uma retificação. Mas, qual é a atualidade do que se delinea neste ato de retificação?

Uma pergunta interessante logo se apresenta: de que modo uma retificação se autoriza a partir da afirmação lacaniana de que “só há causa daquilo que falha?” O que há nesta afirmação que poderia comandar uma retificação?

Penso que talvez seja importante, para qualificar a afirmação quanto ao que falhou na tríplice Aliança, e antes mesmo de destacar a atualidade da questão, reconhecer o que estaria implicado em um trabalho de articulação, uma vez que a tarefa de tal aliança consistia em “articular entre si as três disciplinas e controlar o trânsito entre os continentes da História, do Inconsciente e da Linguagem”. Perguntar sobre em que consistiria o ato de articulação das três disciplinas, não pode deixar de trazer à cena a proposta mesma engendrada por Michel Pêcheux quanto ao quadro epistemológico da análise de discurso, na medida em que ali encontramos uma formulação em que, embora presentes, as três regiões adquirem estatuto diverso, especialmente se pensamos que, neste contexto, a

psicanálise é solicitada a intervir enquanto atravessamento de três campos do saber: a lingüística, a teoria das ideologias e a teoria do discurso. É interessante notar que o lugar diferenciado da psicanálise no quadro da análise de discurso constituiu já uma maneira importante de deslocar um projeto de tríplice aliança.

Ratificar o fracasso do projeto da Tríplice Aliança já não indicaria suficientemente a necessidade de destacar o estatuto da categoria do impossível, apontando que é somente através do real na sua vertente de impossibilidade - lugar de fracasso e de ruptura - que se poderia pensar em tecer qualquer território “entre” as regiões em questão? Pois, de que outro modo o real de cada campo produz incidências no outro? Se a pergunta é válida, então não teríamos que partir do real da língua, condição de possibilidade do enunciável? A tese lacaniana de que o inconsciente tem estrutura de linguagem visa justamente atualizar essa vertente. Mas e a ideologia?

No texto em questão, Pêcheux realiza, no desdobrar de sua argumentação, um deslizamento do símbolo (fumaça) para a materialidade do fogo de um trabalho crítico (não há fumaça sem fogo): mas o seu encaminhamento demonstra que não se trata de incrementar o fogo que gera a destruição (e com isso toma o partido **contra** o fogo incinerador que só produz fumaça), e sim de alimentar o fogo de um pensamento que se enraíza na paixão: o encaminhamento ético implica que as teses enunciadas incluam o sujeito que as enuncia. Ou seja, deve-se considerar o que Althusser, em sua autocrítica, referiu-se como o “caráter tópico do pensamento”, isto é, a maneira como um pensamento se inscreve em seu objeto. Isto, como o único antídoto contra o fascínio pelas abstrações, flor do Idealismo.

Trata-se, então, de partir das práticas que lidam com a materialidade do real. E é de sua prática teórica com a materialidade do discurso que Pêcheux se autoriza para tratar da materialidade do real. Retomemos o modo como ele apresenta, na particularidade de sua prática discursiva, o argumento que lhe permite concluir que o pensamento é fundamentalmente inconsciente, a começar pelo pensamento teórico:

Parece-me, hoje, que Les vérités de la Palice roçaram essa questão (refere-se aqui à descoberta de que a possibilidade

da revolta se sustenta na existência de uma divisão do sujeito, inscrita no simbólico) de uma maneira estranhamente abortada, pelo viés de um sintoma recorrente que soava de maneira oca: estou querendo designar o prazer sistemático compulsivo e (incompreensível para mim) que eu tinha em introduzir a maior quantidade possível de chistes – o que, pelo que sei, acabou por irritar mais de um leitor. (p.303)

A inclusão forçada dos chistes, longe de produzir o efeito do riso que comemora na sanção do Outro a transmissão de algo que o jogo significativo faz passar sem dizer, inscreveu-se como um sintoma no corpo do texto. O gesto de retificação só poderia então se autorizar do apontamento do que aí falhava. O que ainda não podia se inscrever na teoria fazia sintoma na escrita.

Deprendemos neste gesto anunciado e realizado o reconhecimento da inclusão de uma certa subjetividade como lugar que cumpre dupla função: evidência do assujeitamento e de sua subversão - lugar do fracasso - que pode abrir para que “algo novo venha a nascer”. Como aponta Zizek (1994)

“...a psicanálise também delinea a economia simbólica de como - de tempos em tempos, pelo menos – somos capazes de romper o círculo vicioso que gera o fechamento “totalitário”.

Mas, em que prática encontrar sustentação material para a tese do primado do ser sobre o pensamento, senão na descoberta freudiana do inconsciente que faz jogar sem cessar a ruptura entre os conceitos e a linguagem que os encena? Quanto a isto, retomar o trabalho de Jean-Michel Rey sobre a particularidade do texto freudiano:

Na escritura freudiana produz-se continuamente uma formidável disjunção – que é a fonte do trabalho de seu texto – entre a língua e o processo de conceitualização

Lembrar a afirmação de Pêcheux no livro *Les vérités de La Palice*, p. 257:

*“E isso nos permite adiantar que o papel motor da contradição, na prática da apropriação do “mundo exterior” (do real) pelo pensamento, se marca sob a forma da **divisão em dois funcionamentos opostos** (os quais, neste trabalho, designamos, respectivamente, como funcionamento nocional-ideológico e funcionamento conceptual-científico) **da unidade complexa do processo da necessidade-real,***

portanto em sua divisão dominada pela unidade desse processo”.

De que maneira isto estaria relacionado com a razão do sintoma de Pêcheux em incluir obsessivamente, no texto, chistes dirigidos ao leitor que, segundo ele, se irritava e não compreendia? Na retificação, trata-se de afirmar que o pensamento é inconsciente, aí incluído o pensamento teórico, inscrevendo no domínio dos conceitos a hiância que os corrompe. Mas isso implica uma retomada do conceito de inconsciente, uma vez constatado que o inconsciente não é nem a fonte da ideologia dominada, nem o impulso do SuperEgo da ideologia dominante. É neste ponto que Lacan é esperado e convocado, precisamente quando, em 1964, enuncia a diferença entre o inconsciente freudiano e a sua elaboração. É na lição de 22/01/64 que encontramos a afirmação: “Só existe causa para o que manca” (p.27 texto em português).

O que tal afirmação determina/inaugura quanto ao gesto de retificação de Pêcheux, relativamente às teses althusserianas? Aqui é importante mostrar a que formulação Pêcheux havia chegado no livro de 1975 quanto aos Aparelhos Ideológicos de Estado e o processo de interpelação/identificação, já que no anexo ele vai afirmar a necessidade de distinguir radicalmente o registro do recalque daquele do esquecimento. Não se trata de retomar as elaborações do livro *Les vérités de la Palice* (1975), mas de indicar a tese que o próprio Pêcheux propõe como síntese de um ponto fundamental do empreendimento althusseriano:

A forma-sujeito do discurso, na qual coexistem indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o non-sens da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira (p.295 edição brasileira).

Não sendo causa de si e sendo efeito do significante, naquilo que a interpelação e o sentido o constituem, resta compreender de que modo a ação do significante no sujeito abre caminho para o que fracassa: pois, só há causa para o que falha. Se a linguagem é causa da divisão do sujeito, há que reconhecer que a identificação pelo significante produz o seu próprio fracasso. A identificação também se refere ao que excede do significante, o que se indica pelo termo de

fantasia que articula sujeito e objeto no desejo. Mas que relações vigoram entre a fantasia e a realidade no jogo da ideologia?

É possível re-fazer a série sobre o real, uma vez que aceitamos que o pensamento é da ordem do inconsciente: há o real da língua, há o real da história e há o real do pensamento.

Ao afirmar que o “pensamento” só existe sob a forma de *regiões de pensamento* disjuntas e submetidas entre si a uma lei de exterioridade distribuída, que está relacionada com a exterioridade global do real em relação a “o pensamento” Pêcheux afirma a lei da não-conexidade inerente ao processo de pensamento tal como elaborada por Freud na *Traumdeutung*. A referência ao texto freudiano é aqui elemento indispensável para descrever a concepção materialista de não-conexidade do processo de pensamento, na qual a forma unificadora da consciência efetivamente desaparece. Remete-nos, então, ao capítulo VI desta obra freudiana para concluir afirmando que “nenhum sujeito é, como tal, causa das representações”.

Neste ponto preciso do livro, Pêcheux afirma que o caráter material da não-conexidade do pensamento é um dos pontos pelos quais a questão da relação entre inconsciente e ideologia poderia avançar em direção a uma solução. Mas isto na condição de aí introduzirmos a contribuição de Lacan quanto à afirmação da tese do primado do significante sobre o signo e o sentido e a conseqüente definição do sujeito: o sujeito é o que um significante representa para outro significante, uma vez que possibilita afirmar que o significante toma **parte** na interpelação-identificação do indivíduo em sujeito.

Mas é neste ponto que Pêcheux nos diz que algo falhou no livro: “*levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em Les vérités de La Palice*”. Poderíamos dizer que o que falha é a falta da falta? Mas, como podemos conceber o estatuto desta ausência da falta na teoria, se no texto do anexo o gesto de retificação se circunscreve a partir de um sintoma do teórico?

Se atentarmos para o título do anexo “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, poderemos entrever a

importância da contribuição de Lacan como condição para o trabalho crítico que vai sustentar o gesto de retificação. Seria necessário trazer como pano de fundo desta discussão o artigo que Althusser escreveu, no ano de 1964, a respeito do retorno a Freud de Jacques Lacan, em que afirma que a compreensão da estrutura de desconhecimento que dirige toda a pesquisa sobre a ideologia não poderia prescindir do gesto lacaniano de leitura da obra de Freud. Não é outra indicação que encontramos no texto do anexo: é necessário voltar às formulações sobre a teoria das identificações através dos avanços de Lacan. Mas, no contexto da citação incluída no título do anexo “Só há causa daquilo que falha”, o que julgamos mais interessante retomar do seminário de 1964 é a discussão sobre a noção de causa que introduz o estatuto do inconsciente enquanto referido ao REAL, o que nos permitirá concluir indicando, com Zizek, que o nível fundamental da ideologia deve ser referido à fantasia que estrutura a realidade social.

Se na ciência é possível supor um progresso, para Lacan isto se dá às custas de uma crescente e irremediável incapacidade de pensar a categoria da causa, uma vez que ao preencher incessantemente a hiância entre a causa e o efeito, a ciência termina por esvaziar o próprio conceito de causa: eventos que levam a outros eventos de acordo com leis, eis a cadeia exaustiva de determinações. O discurso da ciência forclui o impossível traumático e sustenta o mote de que “tudo é possível”. Neste contexto é impensável que a causa não seja explicada. Entretanto, é em um sentido mais radical que Lacan vai propor o estatuto de causa: como aquilo que interrompe o funcionamento ditado pelas leis. A causa que entra em jogo na psicanálise é então referida ao que excede a cadeia simbólica, embora por ela produzido. Com isto se afirma que o sujeito tanto é determinado pela ordem simbólica, pelo significante, quanto pela sua relação a um objeto de gozo, um objeto libidinal. Esta relação entre um sujeito e um objeto causa de desejo é o que se conjuga na fantasia. Esta é a dimensão desconsiderada na teoria althusseriana da interpelação, conforme indicado por Zizek (1994):

“...antes de ser captado na identificação, no reconhecimento/desconhecimento simbólico, o sujeito (S barrado) é captado pelo Outro através de um paradoxal

objeto-causa do desejo...mediante o segredo supostamente oculto no Outro..."

Se a causa pode então ser distinguida da lei, impõe-se concluir que há sempre algo de anti-conceitual, de indefinido no domínio da causa, um impossível de se compreender pela razão. O inconsciente freudiano se situa no ponto em que entre a causa e o que ela afeta há sempre claudicação. E o gesto de Lacan será o de introduzir no domínio da causa a lei do significante, no lugar onde essa hiância se produz.

Não é outra a direção apontada por Pêcheux.

Referências Bibliográficas:

LACAN, J. *O seminário livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, versão brasileira de M. D. Magno, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso – Uma crítica à afirmação do óbvio*, tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani, Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

REY, J-M. “L’épreuve de la psychanalyse” in B. Conein, Jean-Jacques Courtine, Françoise Gadet, Jean- Marie Marandin, Michel Pêcheux (orgs) *Materialités Discursives*, Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981.

ZIZEK, S. “Como Marx inventou o sintoma?” in S. Zizek (org) *Um mapa da ideologia*, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996.